n e g r o o l h a r



carta de intenções de pesquisa enviada por carlos rodrigues brandão para o concurso de auxílios de pesquisa sobre o o l h a r, promovido pela F U N A R T E

f e v e r e i r o 1 9 8 8

100º da abolição

nota liminar

encontrei uma pequena nota sobre O Olhar em uma Folha de São Paulo comprada na cidade de Caldas, no Sul de Minas, onde no momento realizo uma pesquisa de campo. Longe de Campinas, onde moro, faço este pequeno projeto, na verdade, uma carta de intenções, sem maiores informações e sem melhores recursos. Retorno a Campinas apenas no dia da véspera do final do prazo para o envio das propostas à FUNARTE. Da carência de tempo e informações à absoluta precariedade da datilografia (feita em uma Olivetti portátil com 25 anos de idade) peço que a pior parte do que faltar seja creditada a isto.

1. uma intrigante evidência

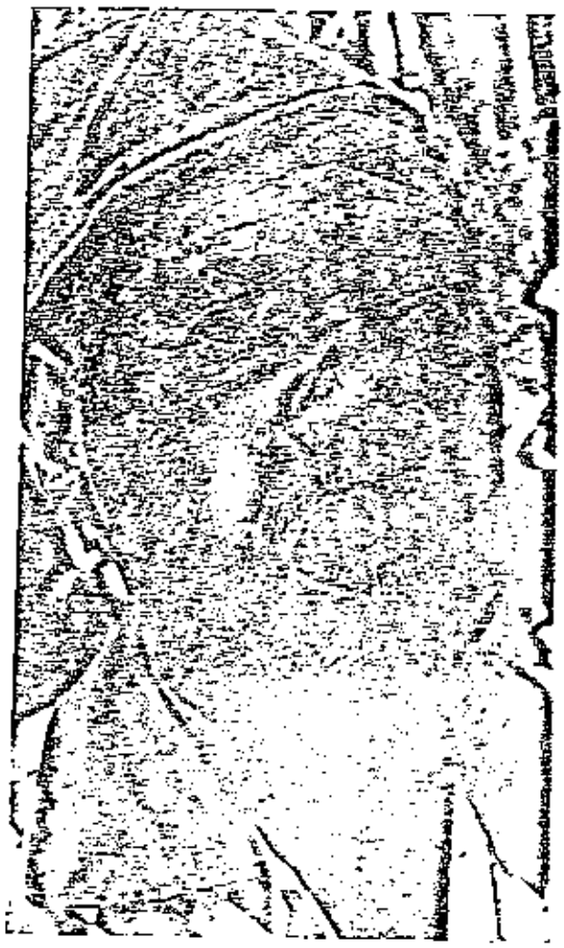
Curioso e, por certo, não gratuito: o negro brasileiro se dá como um corpo, raro como um rosto, menos ainda, como um olhar. Elis Regina era um rosto que cantava, Zézé Mota um corpo que sugere. Multipliquemos o exemplo provocativo por muitos mil. Sujeito do trabalho escravo no passado, o negro é quase sempre coletivo e, desde os primeiros desenhos dos viajantes, é raro que apareça individualizado, como o branco e, mais ainda, o senhor. Atodo ao eito, no serviço das catas e das minas, na lavoura, nos afazeres da casa, "negro do ganho" nas ruas do Rio de Janeiro, negros são uma coletividade desenhada ao longe no trabalho vil que o branco de perto vigia, ou são corpos mais individualizados, visíveis pelo que têm de pitoresco, como as longas roupas que mais tarde vão sugerir a "bahia", como um "tipo brasileiro". Vistos de perto não são rostos de ver, mas de espantar. Nos livros racistas de uma não-ciência do passado, mais tarde nos registros policiais, são os rostos que o desenho e a foto buscam degradar: violentos, horrendos, inquestionavelmente perigosos. Nas filmagens dos desfiles de escolas de samba no Rio, observei dias atrás - visão desde Minas - que mesmo agora as negras babianas de sua ala são corpos coletivos e o volume das cores em movimento é o que importa; as negras e mulatas semi-nuas são corpos individualizados, mas onde a sensualidade do movimento é o que importa. É preciso que a câmara "suba" a uma branca-destaque, para que o rosto se torne próximo e a pessoa diga, tanto com o olhar quanto com o traseiro, enquanto discretamente o seu nome aparece em baixo. Rostos sugerem nomes.

Entre os sujeitos colonizados e subalternos, os brancos pobres, ligados à terra, por exemplo, serám invisíveis e quase o são, até hoje. Os índios sim, sugeriam o retrato do detalhe, como sugerem até hoje em dia: os corpos pintados, os rostos com escarificações e desenhos, como a pintura facial Caduveo, que merecem de Lèvi-Strauss um curioso estudo. Os brancos do poder se davam, como até agora, como rostos onde exatamente isto, a imagem do poder, se expressava na roupa com medalhas e adornos, da cintura para cima; onde uma barba - raríssima no negro - simulava uma honradez difícil de ser questionada. Mas os negros de então, senhores da ginga, dos jogos de corpo, do disfarce, da capoeira e do candomblé, de uma perigosa sedução sempre associada ao malefício, à feitiçaria e à simulação, mesmo hoje em dia, quando retratados são de preferência corpos coletivos em movimento: no desenho e na pintura, no cinema e no VT, na fotografia. Melhor por um lado, porque zombam da imobilidade dos brancos; pior pelo outtro, porque não deixam o registo de suas faces, o movimento "de perto", a expressão próxima e insubstituível do olhar.

Pausa para um caso em que essas observações são reveladas às avessas pelo próprio negro. Em setembro do ano passado um negro dançante do Moçambique na Festa de São Benedito em Oliveira, sugeria a mim, que o fotografava de frente e de perto, que me dedicasse a todo o grupo e de longe. "Pra que retrato de cara de negro?" ele me dizia; "pros brancos é tudo igual, é uma cara feia só. E depois, fotografia de negro só sai é negra mesmo, não dá pra ver nada, por mais que você queira, é só a dentadura no meio daquele negrume".

100 anos depois da Abolição - que metade dos negros do país se prepara para festejar, que a outra metade faz tempo contesta - como é o rosto negro? Como são os seus símbolos de face, na própria carne e nos seus adornos? Como é a sua expressão? Como é o olhar do negro? Como são as diferentes olhares dos negros dos brasis? Como é o negro olhar? Como é negro, esse olhar?

2. uma proposta de olhar



Faz alguns anos tenho feito estudos sobre ritos e festas populares de negros católicos de Goiás (onde vivi 8 anos e a que estou muito ligado até hoje) em Minas Gerais e em São Paulo. A própria FUNARTE já publicou dois livroos meus a respeito: O Divino, o Santo e a Senhora e A Festa do Santo de Preto. Agora mesmo estou envolvido com uma pesquisa de campo sobre a questão da identidade de negros, homens e mulheres, situados no intrigante - e, para eles, absolutamente natural - cruzamento entre o catolicismo popular de seus cultos e santos padroeiros, e os cultos associados a uma real ou suposta origem afro-brasileira, como o candomblé, a umbanda e o saravá, nas regiões de minha pesquisa. Minha pesquisa foi submetida a um concurso promovido pelo Centro de Estudos Afro-Asiáticos e foi aprovada. Eu a realizo no momento, cobrindo situações de festa e de cotídiano em cidades do interior de Minas Gerais (Poços de Caldas, Silvisnópolis, Oliveira, Machado) e de Goiás (Pirenópolis e Catalão). Ela deve estar concluida até dezembro de 1988. Ao lado de minha pesquisa pessoal, no momento oriento trabalhos de alunos meus de Goiás (tenho um vínculo de professor visitante com a UFG), de Minas Gerais e de São Paulo, sobre questões de cultura e de identidade do negro no Brasil. Três estudantes, uma de São Paulo e duas de Minas, fazem pesquisa sobre a mulher negra.

A pesquisa feita por mim envolve situações de festa e de "depois da festa", sempre e quando os seus praticantes, negros, estejam no limiar entre a participação em festas e rituais do catolicismo popular (congos, moçambiques, catupés e vilões) e cultos "afro". Ela não implica documen-

ção fotográfica significativa e não foi pedida verba específica para tanto.

Faz tempo me intriga a expressão destes sujeitos católicos populares, não apenas a dos corpos na dança e no canto, mas especialmente a de seus rostos, festivos e mascarados, cobertos de cores e coroas. Tenho uma coleção bastante razoável de slides e fotos em papel, de cerca de 12 anos de pesquisas.

Mas isto é insuficiente, porquanto, como antropólogo, nunca tive nem verba nem a intenção de fazer especificamente documentação fotográfica como pesquisa e, sim, apenas como parte complementar de minhas pesquisas.



Minha proposta à FUNARTE é a de que vocês criem condições para que eu possa fazer, associada à minha pesquisa do CNAA, mas como uma documentação "em si mesma", uma documentação fotográfica sobre o rosto e, especialmente, a expressão e o olhar de negros de Goiás, de São Paulo e de Minas Gerais (mais os de Goiás e Minas, menos os de São Paulo), praticantes de rituais do catolicismo popular de negros, em suas festas e ritos. Tal documentação séria, ainda que sobre festas - ou, talvez, por isso mesmo, poderia ser completada com um estudo fotográfico a respeito do rosto e do olhar cotidiano do negro, em situações de vida e trabalho fora de festas.

Fácil de compreender, o que eu pretendo é tornar visível a parte menos motivada dos registros visuais sobre o negro em nossa cultura: o rosto de seu próprio olhar. Quero trabalhar sobre esta parte mais negada pelo olhar de quem documenta, em seus corpos, e fazê-la sair de seu silêncio e falar, como um esquecido momento do ser e da cultura do pessoa negra no Brasil.

3. a. produtos do trabalho previsto

b. cronograma

c. intenção de orçamento

a.

Uma seqüência de entre 60 e 100 fotos em preto-e-branco e a cores com um texto redigido pelo autor. Experiência de foto-e-texto precariamente desenvolvida até aqui e que, espero, dê o seu salto de qualidade a partir do presente projeto.

Um audio-visual pronto para apresentação.

b.

março/abril	levantamento e organização de material audio visual sobre o negro em Minas Gerais, Goiás e São Paulo, já produzido pelo autor.
maio	pesquisa em Itapira (São Paulo) e Poços de Caldas (Minas Gerais) - festas do 13 de maio.
junho	pesquisa em Sivianópolis (Minas Gerais)
agosto	pesquisa em Machado (Minas Gerais)
setembro	pesquisa em Oliveira (Minas Gerais)
outubro	pesquisa em Catalão (Goiás)
novembro/dezembro	pesquisa em São Sebastião do Paraíso (Minas Gerais) e organização e processamento do material.
janeiro/fevereiro	pesquisa concluída material de documentação entregue à FUNARTE.

nota: a pesquisa de novembro/dezembro 68 poderá não ser feita, se o proponente viajar para reuniões na Espanha e na Itália.

(preços previstos em fevereiro de 1985, evidente e depravadamente sujeitos a inflação. sejam realistas)

1. material de documentação

• 20 filmes Ilford preto e branco 35 mm X 36 chapas	300 x 20	6.000
• 40 filmes Kodakolor 35 mm x 36 chapas	350 x 40	14.000
• 20 filmes Ektachrome 35 mm x 36 chapas	1.550 X 20	31.000
• 20 fitas cassette cromo	350 X 20	14.000

2. serviços profissionais de processamento do material

. serviços fotográficos revelação e ampliações	60.000
. ampliações artísticas de pelo menos 30 fotos	40.000
. serviços de estudio de som para o audiovisual	20.000
. outros serviços profissionais, como xeros, datilografia, etc.	15.000
total	200.000

notas finais

1ª a pequena máquina portátil não agüentou até o final, terminei o projeto em uma outra, emprestada.

2ª. as fotos precárias do presente projeto são de negros de uma festa de São Benedito, em Machado. Reveladas em loja comum, na cidade de Poços de Caldas.

3ª soube que haverá, possivelmente, um concurso de fotografias especificamente sobre o negro, em [illegible]

projeto para ele, mesmo que seja também da FUNARTE. Primeiro porque possivelmente a sua verba prevista será menor do que a "do olhar"; segundo porque será realizado depois, e eu já estou trabalhando.



Pocinhos do Rio Verde, Sul de Minas, 25 fevereiro 88

carlos rodrigues brandão

endereço para correspondência: UNICAMP
Departamento de Ciências Sociais
Conjunto de Antropologia
C.P. 6110
13.080 Campinas São Paulo